

METODOLOGIAS ATIVAS NA FORMAÇÃO DE CONDUTORES: UM OLHAR DO INSTRUTOR DE TRÂNSITO¹

Renata Silveira da Silva²

Rosângela Petenuzzo³

RESUMO

O artigo trata sobre o uso de metodologias ativas na formação de condutores. O objetivo é investigar, a partir da voz dos instrutores de trânsito, a possibilidade do uso de metodologias ativas durante as aulas teóricas do processo de formação de um condutor. A presente pesquisa qualitativa, exploratória, desenvolveu-se com três instrutores de trânsito teóricos de dois CFCs distintos, sendo um CFC localizado no município de Getúlio Vargas/RS e o outro CFC no município de Santo Ângelo/RS. Teve como questão problema compreender como os instrutores de trânsito percebem o uso das metodologias ativas. Os resultados foram obtidos a partir da aplicação de um questionário elaborado no *Google Forms* que inquerem sobre a importância do uso das metodologias ativas nas aulas teóricas da primeira habilitação e como sua prática foi sentida e percebida pelo olhar do instrutor de trânsito.

PALAVRAS-CHAVE: educação; formação de condutores; metodologias ativas; trânsito; cidadania.

1. Introdução

As metodologias ativas de ensino não surgiram recentemente e vêm sendo muito utilizadas em diferentes áreas do conhecimento. Consideram-se metodologias ativas estratégias para colocar o aluno no centro do processo de aprendizagem. Mota e Werner (2018, p. 263) nos

¹ Este artigo é requisito para a obtenção do título de Especialização em Temas Contemporâneos: Cidadania e Mobilidade, pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), unidade universitária em Bagé/RS, em 2022/2.

² Escola Pública de Trânsito do DETRAN/RS – Contato: renata-silva@detran.rs.gov.br

³ Orientadora. Mestre em Educação – PUCRS. Professora da Escola Pública de Trânsito – Detran/RS, E-mail: rosangela-petenuzzo@detran.rs.gov.br



dizem que as metodologias ativas “opõem-se a métodos e técnicas que enfatizam a transmissão do conhecimento”, ou seja, o aluno passa a ser ativo no seu processo de construção de conhecimento e, ainda, proporciona ao aluno “uma maior apropriação e divisão das responsabilidades no processo de ensino-aprendizagem, no relacionamento interpessoal e no desenvolvimento de capacidade para a autoaprendizagem”.

Para isso acontecer, o educador também modifica o seu papel, pois ele “passou de transmissor do conhecimento para monitor, com o dever de criar ambientes de aprendizagem repletos de atividades diversificadas” (MOTA e WERNER, 2018, p. 263), ou seja, o educador passa a ser um mediador/facilitador no processo de ensino e aprendizagem para que o aluno, por sua vez, seja um agente ativo e coautor. Mas o uso das metodologias ativas nas aulas teóricas no Centro de Formação de Condutores (CFCs) será que é possível?

Pouco se fala sobre a formação de condutores e sobre o processo de ensino e aprendizagem que acontece durante este processo. Considerando que o artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN n.º 9.394/1996 diz que a Educação “abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”, ou seja, em todos os momentos da nossa vida estamos educando e sendo educados, estamos ensinando e aprendendo na convivência com o outro no espaço público. Ainda, também o Código de Trânsito Brasileiro (CTB), em seu artigo 74 da Lei n.º 9.503, de 23 de setembro de 1997, determina que “A educação para o trânsito é direito de todos e constitui dever prioritário para os componentes do Sistema Nacional de Trânsito.” Os Centros de Formação de Condutores (CFC), por serem instituições credenciadas ao Órgão de Trânsito Estadual, fazem parte desse sistema e, portanto, devem preocupar-se em oferecer educação, muito além da atribuição de preparar para obtenção da Carteira Nacional de Habilitação (CNH).

Pensando o trânsito como grandes palcos das relações sociais, os CFCs, por meio dos seus instrutores que desenvolvem um processo educativo, ocupam um espaço estratégico para trabalhar o tema trânsito visando à mudança de



comportamento e enriquecendo o aprendizado do aluno não somente sobre ao que se diz a respeito do ato de dirigir. Este artigo pretende, portanto, abrir espaço para reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem que ocorre durante as aulas teóricas do processo de formação de um condutor e tem como objetivo investigar a possibilidade do uso de metodologias ativas nas aulas teóricas da primeira habilitação dentro deste contexto.

Entender quais conhecimentos os instrutores de trânsito possuem sobre as metodologias ativas; quais as metodologias que são possíveis de serem trabalhadas na primeira habilitação; quais as principais vantagens e desvantagens que o instrutor encontra ao fazer uso das metodologias; todas essas inquietações instigam e levam a buscar compreender como funciona este universo na prática, no dia a dia do instrutor de trânsito.

É importante destacar que o trabalho desenvolvido pelo instrutor de trânsito em um CFC é pautado pela Resolução do Conselho Nacional de Trânsito (CONTRAN) n.º 789/2020, que “consolida normas sobre o processo de formação de condutores de veículos automotores e elétricos”, como define a Lei n.º 9.503, de 23 de setembro de 1997, que institui o Código de Trânsito Brasileiro (CTB).

A partir da Deliberação CONTRAN n.º 189, de 28 de abril de 2020 referendada pela Resolução n.º 783/20, o ensino teórico-técnico aderiu a um novo modelo de trabalho que permite o ensino remoto síncrono nas aulas teóricas da formação de condutores. Antes desta deliberação, as aulas teóricas eram ministradas presencialmente, mas com o advento da pandemia de COVID-19 foi necessário adequar o ensino para a realidade da sala de aula virtual (*online*), mas o seu fazer pedagógico, a forma como o instrutor ministrará seu conteúdo é de livre escolha, devendo estar alinhada com o planejamento do próprio CFC a que está vinculado. Por este motivo, a pesquisa pretende trazer, a partir do olhar do instrutor de trânsito, o quão efetivo pode ser o uso das metodologias ativas durante as aulas teóricas.

Contudo, há poucos estudos e pesquisas sobre o fazer pedagógico dos instrutores de trânsito e, principalmente, que levem em consideração a voz desses sujeitos. Neste sentido, essa pesquisa torna-se relevante no meio acadêmico, uma vez que o uso de metodologias ativas, juntamente com a temática trânsito, podem



fomentar aprendizagens relacionadas às vivências no espaço público e, nessa medida, contribuir para a formação não apenas de sujeitos do conhecimento, mas agentes críticos e transformadores da realidade, capazes de atuar cada vez com mais consciência e responsabilidade, como pretende o ensino para a cidadania.

A presente pesquisa qualitativa, exploratória com estudo de campo, desenvolveu-se com três instrutores de trânsito teóricos de dois CFCs distintos, sendo um CFC localizado no município de Getúlio Vargas/RS e o outro CFC no município de Santo Ângelo/RS. Teve como questão problema compreender como os instrutores de trânsito percebem o uso das metodologias ativas, tendo como instrumento para coleta de dados um questionário com sete questões que inquerem sobre a importância do uso das metodologias ativas nas aulas teóricas da primeira habilitação e como sua prática foi sentida e percebida pelo olhar do instrutor de trânsito.

2. Educação para o trânsito e o papel educador do instrutor de trânsito

Com a publicação da Lei n.º 9.503, de 23 de setembro de 1997, as antigas Autoescolas deixaram de ser um simples local para obtenção da Carteira Nacional de Habilitação (CNH), no qual o objetivo era passar na prova e obter o documento de habilitação, e passaram a ser considerados Centros de Formação de Condutores, com o objetivo de formar condutores com a missão de educar dando enfoque na cidadania, mobilidade e preservação da vida. Por isso, a formação no CFC passou a ser mais aprofundada, deixando de ser a simples memorização das placas de sinalização de trânsito e passou a ser o estudo teórico, devendo envolver discussões sobre as Normas de Circulação e Conduta, Legislação de Trânsito, Condução Segura, Noções sobre Primeiros Socorros, Noções sobre Meio-ambiente e Convívio Social no Trânsito e, no ensino prático, a construção do conhecimento sobre a aplicação do estudo teórico mencionado anteriormente na condução do veículo, o funcionamento do veículo, posicionamento do veículo na via, domínio do veículo em manobras e estacionamento e o respeito e convívio com os demais participantes do trânsito, como os pedestres, ciclistas, motociclistas e passageiros do veículo.



No CTB (BRASIL, 1997), o capítulo VI que fala sobre educação para o trânsito, em seu artigo 74 especifica que a educação para o trânsito é direito de todos e no artigo 76 determina que:

A educação para o trânsito será promovida na pré-escola e nas escolas de 1º, 2º e 3º graus, por meio de planejamento e ações coordenadas entre os órgãos e entidades do Sistema Nacional de Trânsito e de Educação, da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, nas respectivas áreas de atuação.

Considerando que a educação para o trânsito deve permear todas as esferas de ensino da vida de um sujeito, entendendo o CFC como o espaço educacional para a formação dos futuros condutores, faz-se necessário repensar a prática pedagógica no CFC.

O trânsito não é feito somente de regras e placas de sinalização, sendo muito mais amplo, pois envolve valores de convivência, cultura, comportamento, cidadania e esses são um dos grandes desafios da educação para o trânsito. Compreender e intervir na formação de valores morais e éticos que sirvam como base às ações do indivíduo ao longo de sua vida é o objetivo principal da educação para o trânsito, pois é por meio dela que será possível promover a reflexão sobre a importância do comportamento de cada um como determinante para a mudança da cultura e para a segurança e prevenção dos sinistros no trânsito.

No mundo atual onde as coisas acontecem rapidamente e o tempo é um bem precioso, precisamos sempre estar atualizados e oferecer aos nossos alunos possibilidades variadas de aprendizagem. Com o advento da tecnologia, o educador assume um papel ainda mais importante, pois é ele que vai dar rumo e sentido a todas as informações que estão disponíveis na internet e nem sempre são úteis ou corretas. Ao educador cabe a tarefa de conduzir o aluno a transformar a informação em aprendizagem. Por este motivo, as práticas pedagógicas devem ultrapassar a mera transmissão de informações, de maneira a possibilitar a reflexão e o debate para que os futuros condutores percebam os princípios que embasam as leis e a importância do cumprimento das regras para a segurança de



todos.

Por isso, a relevância de destacarmos o papel educador do instrutor de trânsito. A educação tem o poder de motivar a mudança na forma de pensar e de agir das pessoas, logo, se o aluno conseguir compreender que determinada forma de agir é um comportamento de risco, mais provável que irá refletir sobre a necessidade de adotar um comportamento seguro. Por este motivo, o ensino no CFC deve ir além de instruir sobre os conteúdos e deve educar para a cidadania.

3. Metodologias Ativas de Ensino no CFC

Para se pensar em um trânsito mais seguro, é preciso repensar a formação dos futuros condutores visto que é necessário prepará-los para que estejam mais conscientes do papel que irão desempenhar no espaço público. O aprendizado nos CFCs não pode ser meramente baseado na memorização, mas sim, precisa fazer sentido para o aluno. Para mudar essa realidade, é necessário que os instrutores de trânsito reconheçam o papel educador que eles exercem na vida destes alunos e aproveitemo espaço da sala da aula para provocar e promover a vontade da mudança de comportamento por meio de uma aprendizagem significativa que seja relevante para o aluno. Os objetivos das aulas devem priorizar a reflexão sobre o porquê existe a legislação, o que é certo e errado no espaço coletivo, a importância do comprometimento de cada um com o bem comum, o entendimento das regras e a preservação da vida, sensibilizando para a adoção de comportamentos adequados.

Assumindo este papel educador, o instrutor de trânsito, ao planejar suas aulas, deve ter como objetivo formar, preparar, sensibilizar, educar, qualificar aquele aluno para além de “macetes ou decorebas” para ser aprovado em um exame. Por mais que o ensino também esteja pautado por legislações, a maneira como o conteúdo será ensinado influenciará diretamente na aprendizagem do sujeito. Se pretendermos educar com qualidade, há que se considerar a utilização de metodologias que proporcionem essa aprendizagem significativa para o aluno. Por este motivo, as metodologias ativas parecem ser adequadas ao ensino no CFC, uma vez que despertam a curiosidade, favorecem a participação e



o debate e possibilitam o desenvolvimento do senso crítico dos alunos.

Desde o movimento da Escola Nova no Brasil, que aconteceu por volta do ano de 1930, diversos autores defendem o uso de metodologias de ensino que promovam a aprendizagem ativa do aluno, o protagonismo, a construção do conhecimento, através da reflexão e crítica sobre a realidade. Moran (2018, p.37) diz “[...] que a aprendizagem por meio da transmissão é importante, mas a aprendizagem por questionamento e experimentação é mais relevante para uma compreensão mais ampla e profunda”, ou seja, não podemos diminuir a importância da aprendizagem por meio de uma aula expositiva dialogada, mas é preciso fazer o aluno pôr “a mão na massa”, fazer parte do processo, para que haja, de fato, a aprendizagem.

Sobre o papel ativo do aluno, Bacich (2018) corrobora com Moran quando nos diz que:

[...] considerar o estudante no centro do processo significa entender que os estudantes não são receptores passivos, mas que assumem responsabilidade pela construção de conhecimentos e, para isso, precisam ser estimulados, por meio de experiências de aprendizagem significativas, a terem um papel ativo. (BACICH, 2018, p. 17)

Segundo Mota e Werner (2018, p.263) as metodologias ativas de ensino surgiram em meados dos anos 1980, quando o ensino também precisou ser repensado em “[...] resposta à multiplicidade de fatores que interferem no processo de aprendizagem e à necessidade de os alunos desenvolverem habilidades diversificadas”. Para que a aprendizagem se torne significativa para o aluno, o sujeito da aprendizagem precisa assumir uma postura ativa em seu aprendizado.

Ainda para os autores Bacich e Moran (2018, p. 17) as metodologias ativas são “[...] práticas que incitam a curiosidade, propõem desafios e engajam os estudantes em vivências de fazer algo e pensar sobre o que fazer, propiciando-lhes trabalhar em colaboração e desenvolver a autonomia nas tomadas de decisão”. Segundo Moran, as metodologias ativas visam ao protagonismo do aluno:



As metodologias ativas dão ênfase ao papel protagonista do aluno, ao seu envolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo, experimentando, desenhando, criando, com orientação do professor; a aprendizagem híbrida destaca a flexibilidade, a mistura e compartilhamento de espaços, tempos, atividades, materiais, técnicas e tecnologias que compõem esse processo ativo. (MORAN, 2018, p. 41)

Com essa proposta de ensino, o conhecimento acaba sendo construído de forma colaborativa e significativa, pois a aprendizagem se dá a partir da interação educador-aluno, aluno-conhecimento, aluno-aluno, buscando, por meio das interações, ampliar e evoluir o conhecimento inicial, confrontando a teoria, a prática e as vivências.

Segundo Mota e Werner (2018, p. 262) “a aprendizagem significativa só é possível quando o aluno constrói o seu próprio conhecimento e para tal precisa estar mentalmente ativo”. Pensando em uma aprendizagem que faça sentido para o aluno, que contribua para o seu protagonismo e que leve em conta a construção do conhecimento, as metodologias ativas de aprendizagem vêm ao encontro dessa proposta, uma vez que elas abrangem alternativas pedagógicas que colocam o foco do processo de ensino e aprendizagem nos alunos. Para Moran (2019, p.1):

A aprendizagem é mais significativa quando motivamos os alunos intimamente, quando eles acham sentido nas atividades que propomos, quando consultamos suas motivações profundas, quando se engajam em projetos em que trazem contribuições, quando há diálogo sobre as atividades e a forma de realizá-las.

Neste sentido, o papel do educador é conduzir os estudantes neste processo, levando em conta as experiências e os conhecimentos prévios dos alunos. Ainda, vale destacar o novo modelo de trabalho que instrutores enfrentaram durante a pandemia de COVID-19 e que ainda está em vigor, que é a modalidade de ensino remoto síncrono nas aulas teóricas da formação de condutores. Segundo Moran (2019), a incorporação da tecnologia à sala de aula não é uma tarefa fácil, requer toda uma reorganização, mas traz também novas possibilidades. Através da tecnologia conseguimos uma educação integral do



sujeito e ainda destaca que:

Um aluno não conectado e sem o domínio digital perde importantes chances de informar-se, de acessar materiais muito ricos disponíveis, de comunicar-se, de tornar-se visível para os demais, de publicar suas ideias e de aumentar sua empregabilidade futura. (MORAN, 2019, p. 2)

Como foi dito anteriormente, apesar de não ser uma proposta nova de ensino, as metodologias ativas são extremamente necessárias para o momento em que a tecnologia se torna parte no processo de formação dos indivíduos.

O conhecimento está em todos os lugares, então, o educador não pode desperdiçar o tempo em sala de aula; ele deve se apropriar das tecnologias e propor diversas situações de aprendizagens para os alunos. Moran (2019, p. 2) destaca que “[...] o papel do professor é ajudar os alunos a ir além de onde conseguiriam fazê-lo sozinhos”. Ainda, segundo Moran (2019, p. 2), como os conhecimentos básicos estão disponíveis na internet em apenas um clique, cabe ao educador “[...] ajudar na escolha e validação dos materiais mais interessantes, (impressos e digitais), roteirizar a sequência de ações prevista e mediar a interação com o grande grupo, com os pequenos grupos e com cada um dos alunos”, tornando a aula um espaço vivo, de trocas, debates e de pesquisa.

4. Análise dos resultados

Tendo como propósito inicial responder como os instrutores de trânsito percebem o uso das metodologias ativas, optou-se por uma pesquisa qualitativa exploratória desenvolvida com três instrutores de trânsito de dois CFCs distintos que investiga como o instrutor de trânsito percebe o uso das metodologias ativas em seu fazer pedagógico nas aulas teóricas da primeira habilitação. Foi utilizada a análise textual discursiva a partir de um questionário elaborado via *Google Forms* que conta com 07 questões abertas.

A partir do relato trazido pelos instrutores, apresenta-se uma análise da percepção dos instrutores de trânsito a respeito do uso das metodologias ativas no CFC. As questões utilizadas como instrumento de coleta de dados, mostraram-se



desveladoras do fazer docente, pois a partir das situações vivenciadas e narradas pelos instrutores de trânsito foi possível identificar que é viável o uso das metodologias ativas e a análise sobre a contribuição dessas metodologias de ensino e a sua influência no processo de aprendizagens dos futuros condutores.

Foi verificado que os três pesquisados possuem nível superior com especialização, exercem a função de instrutor teórico de quatro a sete anos, sendo o Instrutor A sete anos, Instrutor B quatro anos e o Instrutor C seis anos. Dois instrutores fazem uso das metodologias ativas desde o início da sua jornada como instrutor: *“Desde que comecei a trabalhar, sempre gostei de ter novidades (Instrutor A), “Desde o início quando comecei atuar como instrutora, pois na minha formação pedagógica e a pós-graduação sobre Teorias e metodologias da educação me proporcionaram este conhecimento (Instrutor B)”* e um deles incorporou na sua prática há *“2 anos”* (Instrutor C).

Em relação ao porquê decidiram adotar as metodologias ativas em suas aulas teóricas, os participantes responderam que: *“Para ter um diferencial nas aulas e despertar o interesse dos alunos (Instrutor A)”*. O Instrutor B para além do diferencial das aulas, ele respondeu que *“Porque com a utilização das metodologias ativas potencializa o processo de aprendizagem, pois com a aplicação destas pelos instrutores, tornam as aulas mais criativas, dinâmicas e atrativas, facilitando a autonomia e a construção do conhecimento.”* Já o Instrutor C respondeu que *“Porque é mais conveniente, facilita o aprendizado do aluno.”* Verifica-se que todos os instrutores reconhecem a importância do uso das metodologias ativas para tornar a aula mais atrativa e participativa, tornar a aprendizagem do aluno mais ativa e também auxilia no processo da construção do conhecimento e da própria autonomia do aluno. Por estas respostas demonstraram perceber que a utilização das metodologias ativas impacta na prática pedagógica do educador e na efetiva atuação do aprendiz.

Quando questionados sobre quais metodologias ativas os instrutores utilizam em sala de aula, percebe-se que há uma falta de entendimento sobre o que são as metodologias ativas de fato, uma vez que um dos entrevistados relatou utilizar recursos didáticos como *“jogos, desenho, criação de painéis, vídeos”*



(Instrutor A) como se fossem metodologias ativas. Conforme Souza (2007, p. 111), recursos didáticos “são todos os materiais utilizados como auxílio no processo de ensino- aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado pelo professor a seus alunos”, sendo assim, a utilização de recursos didáticos serve para instigar e facilitar o processo de aprendizagem. Porém, dependendo da maneira como serão explorados, podem ser ou não integrantes de uma metodologia ativa. Os demais instrutores responderam: “*Sala de aula invertida; Estudos de caso; Jogos como (Wordwall, Quiz, Kahoot), seminários e discussões, entre outros*” (Instrutor B) e “*Sala de Aula Invertida*” (Instrutor C). Logo, verifica-se que a principal metodologia ativa utilizada é a sala de aula invertida.

Quanto às vantagens ao utilizarem as metodologias ativas no ensino teórico da primeira habilitação, os instrutores responderam o seguinte: “*Mais participação dos alunos, interesse*” (Instrutor A); “*Percebi o quanto é importante o instrutor estar em constante aperfeiçoamento e aplicar estas metodologias em suas práticas, assim, proporciona para o aluno uma aprendizagem significativa*” (Instrutor B) e “*Maleabilidade do conteúdo, o aluno se torna autônomo e estuda no seu ritmo*” (Instrutor C), que vai ao encontro da proposta das metodologias ativas que é trazer o aluno para o centro da aprendizagem, tornando-se responsável e fazendo parte da própria construção de seu conhecimento.

Percebe-se também que a aplicação das metodologias ativas exige adequação tanto dos alunos quanto dos instrutores. Sobre as desvantagens em aplicar metodologias ativas, as respostas demonstram que houve impacto na aceitação por parte dos alunos, conforme respondeu o Instrutor A que encontrou “*Resistência até por parte do próprio aluno*”. Já o Instrutor B respondeu que “*Não tive dificuldades, apenas algumas adequações que precisam ser feitas de acordo com o público*” e o Instrutor C disse que “*Tive que alterar meu material e repensar toda a minha linha de raciocínio*”. Tais respostas demonstram que também houve necessidade do instrutor de rever o seu fazer pedagógico, buscando mais qualificação, estudo, repensando e refazendo a sua prática.

Por fim, aos serem questionados se eles indicariam para os demais colegas instrutores o uso das metodologias ativas como uma estratégia pedagógica, os



instrutores responderam *“Sim, com certeza. Devemos sempre estar aberto às novas práticas e aprimorar as mesmas”* (Instrutor A), *“Com certeza! O uso das metodologias ativas são estratégias desenvolvidas para ajudarem os alunos a aprenderem de forma participativa e autônoma, tornando protagonistas do próprio processo de aprendizagem”* (Instrutor B). Já o Instrutor C respondeu que *“Com certeza indicaria, mas acredito que isso também depende de cada um, se irá ou não usar metodologias ativas ou tradicionais, cada caso é um caso”*. Ao analisar as respostas, verifica-se que os entrevistados demonstraram estar satisfeitos em relação ao uso das metodologias ativas, visto que todos afirmaram que indicariam aos seus colegas a aplicação do uso das metodologias, porém, uma das respostas demonstra que há um receio quanto à aceitação dos demais colegas, uma vez que a prática é uma escolha do próprio educador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do relato dos instrutores, constata-se que eles buscaram o uso das metodologias como estratégias de ensino para tornar as aulas mais atrativas e participativas por parte dos alunos. O resultado demonstra ser positivo, uma vez que, a partir das respostadas apresentadas, os pesquisados relatam que as metodologiasativas favorecem a aprendizagem e potencializam a participação dos alunos, pois levam o aluno a assumir a responsabilidade pelo seu processo evolutivo de aprendizagem.

Também foi possível refletir sobre a docência e sobre o papel do educador em relação à aprendizagem dos alunos. Percebe-se o quanto o educador está envolvido e interessado com o aprendizado dos seus alunos, uma vez que buscam conhecimento, repensam, adaptam e refazem a aula, caracterizando o perfil de um profissional sensível, interessado na vida e no processo de aprendizagem do seu aluno.

Pela importância do tema tratado nessa pesquisa, acredita-se que há necessidade de aprofundamento e ampliação dos estudos, como também realização de novas pesquisas, envolvendo compreender como os instrutores de



trânsito percebem o uso das metodologias ativas, a importância do uso das metodologias ativas nas aulas teóricas da primeira habilitação, a prática pedagógica do instrutor de trânsito e outras variáveis como, por exemplo, o uso das metodologias ativas nas aulas práticas de direção. Dessa forma, há a possibilidade de subsidiar os instrutores para que tenham maior embasamento teórico para repensar sua prática educativa, além de disseminação das diversas formas possíveis de ensinar, proporcionando a um número maior de pessoas as vantagens de uma aprendizagem significativa.

Repensar a formação de condutores e o fazer pedagógico dos instrutores é fundamental quando pensamos na mudança de cultura que precisamos ter no trânsito. Para além dos conhecimentos teórico-técnicos, é necessário estimular a reflexão sobre a importância do trânsito seguro e a responsabilidade de cada um dentro de um espaço coletivo, transformando a informação em comportamento seguro e preparar os alunos para viver melhor em uma sociedade melhor. Para isso, é preciso provocar a busca da conscientização e da responsabilização.

Outro ponto a ser destacado é a importância da reformulação dos cursos de formação dos instrutores de trânsito, sendo que eles deveriam ter uma capacitação mais aprofundada sobre a ciência do aprender e ensinar, através do estudo dos fundamentos da educação, da didática, das metodologias de ensino, da andragogia, da psicologia e da filosofia da educação. Ficou evidenciado, nas respostas do questionário, que os instrutores que usam as Metodologias Ativas em suas aulas construíram esse conhecimento e puderam aplicar graças a cursos de nível superior voltados à área da educação ou através de cursos de qualificação que fizeram a mais, demonstrando assim o quão é importante uma formação sólida e contínua, buscando melhorar a sua prática em sala de aula e, com isso, uma melhor formação dos condutores, que não se resume simplesmente a passar numa prova de direção, mas que saiam do CFC conscientes e protagonistas na construção de um trânsito melhor feito por cada um de nós e em sociedade.

Por fim, visando a uma formação cidadã em um processo de ensino em que o aluno seja o protagonista do seu aprendizado e a uma mudança de comportamento no trânsito, as metodologias ativas de aprendizagem “[...] são caminhos para avançar mais no conhecimento profundo, nas competências



socioemocionais e em novas práticas” MORAN (2019, p.13). E podemos afirmar que elas são grandes aliadas na prática docente do instrutor e refletem no melhor aprendizado do aluno.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n.º 9.503, de 23 de setembro de 1997. Institui o Código de Trânsito Brasileiro. **[Diário Oficial da União]**, [Poder Executivo], Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19503.htm. Acesso em: 13 nov. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Trânsito. **Deliberação n.º 189**, de 28 de abril de 2020 - Brasília, DF. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/deliberacao-n-189-de-28-de-abril-de-2020-254427929>. Acesso em: 13 nov. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Trânsito. **Resolução n.º 783**, de 18 de junho de 2020 - Brasília, DF. Disponível em: <https://www.gov.br/infraestrutura/pt-br/assuntos/transito/conteudo-contran/resolucoes/resolucao783-2020.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Trânsito. **Resolução n.º 789**, de 18 de junho de 2020 - Brasília, DF. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-789-de-18-de-junho-de-2020-263185648>. Acesso em: 11 de nov. 2021.

BACICH, Lilian; MORAN, JOSÉ. (Org.) **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática** [recurso eletrônico] – Porto Alegre: Penso, 2018, e-PUB. Disponível em: <https://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/Metodologias-Ativas-para-uma-Educacao-Inovadora-Bacich-e-Moran.pdf>. Acesso em: 13 de nov. 2022.

MORAN, J. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. Ambiente virtual USP- São Paulo, SP, 2019, 15p. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf. Acesso em: 13 de nov. 2022.

MOTA, A.; WERNER DA ROSA, C. Ensaio sobre metodologias ativas: reflexões e propostas. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 25, n. 2, p. 261-276, 28 maio 2018.



Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/8161/4811>. Acesso em: 13 de nov. 2022.

SOUZA, S. E. O uso de recursos didáticos no ensino escolar. In: I ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, IV JORNADA DE PRÁTICA DE ENSINO, XIII SEMANA DE PEDAGOGIA DA UEM: “INFANCIA E PRATICAS EDUCATIVAS”. Maringá, PR, 2007.